

Espaço e literatura: introdução à topoanálise

Prof. Dr. Ozíris Borges Filho¹ (UFTM)

Resumo:

O presente texto pretende apresentar os três primeiros itens da topoanálise, isto é, a análise do espaço na obra literária. Partimos da terminologia de Bachelard, mas ampliamos o seu alcance de sentido. Para nós, a topoanálise não se restringe à análise dos espaços íntimos, mas de todo e qualquer espacialidade representada na obra de ficção. Neste artigo, primeiramente, dissertamos sobre algumas das mais importantes funções do espaço. Em seguida, falamos sobre algumas das relações entre espaço e enredo. Finalmente, apresentamos o que a topoanálise entende por cenário, natureza, ambiente, paisagem e território.

Palavras-chave: Topoanálise, espaço, cenário, natureza, ambiente.

Introdução

Chamamos de topoanálise ao estudo do espaço na obra literária. Retiramos esse termo do livro **A poética do espaço** de Gaston Bachelard. Segundo este autor:

A topoanálise seria então o estudo psicológico sistemático dos locais de nossa vida íntima. (BACHELARD, 1989, p. 28)

Apesar de aceitarmos a sugestão de Bachelard em relação à terminologia, divergimos do pensador francês em relação à definição. Por topoanálise, entendemos mais do que o “estudo psicológico”, pois a topoanálise abarca também todas as outras abordagens sobre o espaço. Assim, inferências sociológicas, filosóficas, estruturais, etc., fazem parte de uma interpretação do espaço na obra literária. Ela também não se restringe à análise da vida íntima, mas abrange também a vida social e todas as relações do espaço com a personagem seja no âmbito cultural ou natural.

Do ponto de vista de uma topoanálise, isto é, de uma teoria literária do espaço, acredito que a oposição entre espaço e lugar não é funcional e nada acrescenta à teoria. Ficamos com a conceituação clássica da teoria literária. Por isso, preferimos conservar o conceito de espaço como um conceito amplo que abarcaria tudo o que está inscrito em uma obra literária como tamanho, forma, objetos e suas relações. Esse espaço seria composto de cenário e natureza. A idéia de experiência, vivência, etc., relacionada ao conceito de lugar segundo vários estudiosos, seria analisada a partir da identificação desses dois espaços sem que, para isso, seja necessário o uso da terminologia ‘lugar’. Dessa maneira, não falaríamos de lugar, mas de cenário ou natureza e da experiência, da vivência das personagens nesses mesmos espaços.

1 As funções do espaço

A criação do espaço dentro do texto literário serve a variados propósitos e seria tarefa ingrata e fracassada separar e classificar todos eles. Entretanto, entre essas funções do espaço, poderíamos destacar algumas. É o que faremos a seguir.

1.1 Caracterizar as personagens, situando-as no contexto sócio-econômico e psicológico em que vivem.

Muitas vezes, mesmo antes de qualquer ação, é possível prever quais serão as atitudes da personagem, pois essas ações já foram indiciadas no espaço que a mesma ocupa. Note que esses espaços são fixos da personagem, são espaços em que elas moram ou freqüentam com grande assiduidade.

Um exemplo clássico dessa afirmação, é a descrição que o narrador faz do quarto de Fernando Seixas no romance **Senhora** de José de Alencar. Através dessa descrição, percebemos claramente o

caráter de Seixas. É uma personagem que vive só de aparências. Aliás, o próprio narrador comenta esse fato.

1.2 Influenciar as personagens e também sofrer suas ações.

Outras vezes, o espaço não somente explicita o que é ou será a personagem. Muitas vezes, o espaço influencia a personagem a agir de determinada maneira. Os exemplos mais claros dessa relação poderão ser encontrados, na literatura brasileira, nos romances naturalistas. Exemplo dessa função espacial pode ser encontrado na personagem Jerônimo de **O cortiço** de Aluísio Azevedo. Vindo de Portugal, Jerônimo, no início do enredo é o mais trabalhador de todos os habitantes do cortiço. No entanto, com o tempo, vai sendo influenciado pelo espaço em que vive até se tornar um trabalhador relapso. O que era diferente vai-se homogeneizando através do espaço em que vive.

1.3 Propiciar a ação.

Uma função muito simples do espaço é a de propiciar a ação que será desenvolvida pela personagem. Nesse caso, não há nenhuma influência sobre a ação. A personagem é pressionada por outros fatores a agir de tal maneira, não pelo espaço. Entretanto, ela age de determinada maneira, pois o espaço é favorável a essa ação. Exemplificando, podemos tomar o romance **O guarani**. Peri, o protagonista do romance, vive em um espaço aberto, amplo, características que o fazem movimentar-se para todos os lados, correr, saltar, atirar flechas, etc. Nada disso seria possível num espaço fechado e restrito. Nesses casos, o espaço favorece as ações da personagem.

1.4 Situar a personagem geograficamente.

Às vezes, o espaço assume uma função denotativa. Nesses momentos, o espaço é meramente factual, pobre, por assim dizer, na medida em que não possibilita uma imbricação simbólica com as personagens. Em outras palavras, não há nenhuma relação de pressuposição entre personagem, espaço e ação. A função do espaço é apenas dizer onde está a personagem quando aconteceu determinado fato. Por exemplo, suponhamos um caso de demissão do trabalho. A personagem é descrita numa sala em que se encontra o patrão. A personagem sai e é só isso. A sala, de modo algum, caracteriza a personagem. Não há outra função dentro da narrativa a não ser a de informar onde o fato aconteceu. Nenhum aspecto simbólico, psicológico ou social povoa o espaço. Apenas o evento em si importa, o espaço é inteiramente denotado. No entanto, esses espaços são importantes na arquitetura geral da obra.

1.5 Representar os sentimentos vividos pelas personagens.

Esses não são espaços em que a personagem vive, mas são espaços transitórios, muitas vezes, casuais. Assim, em determinadas cenas, observamos que existe uma analogia entre o espaço que a personagem ocupa e o seu sentimento. Por exemplo, teremos uma cena de alegria que se passa sob o sol fresco de um fim de tarde, brilhante, num céu com poucas nuvens e passarinhos voando. Parece que, como a personagem, a natureza está alegre, portanto há uma relação de homologia entre personagem e espaço. Trata-se de um espaço homólogo.

1.6 Estabelecer contraste com as personagens.

Nesse caso, ocorre o oposto do mencionado anteriormente. Isto é, não há nenhuma relação entre sentimento da personagem e espaço. O espaço mostra-se indiferente, estabelece uma relação de contraste. Por exemplo, suponhamos que o protagonista tenha perdido sua mãe, devido a uma terrível infecção. No momento do enterro, temos o seguinte espaço: sol, céu azul, poucas nuvens, vento fresco, passarinhos cantando alegremente. Nesse caso, o espaço estabelece um contraste com o íntimo da personagem, há, portanto, uma relação de heterologia. Trata-se de um espaço heterólogo.

1.7 Antecipar a narrativa.

Através de índices impregnados no espaço, o leitor atento percebe os caminhos seguintes da narrativa. Em outras palavras, há uma prolepsis espacial. Por exemplo, suponhamos que o herói está se escondendo de seu algoz. O narrador, ao apresentar o espaço em que o herói se encontra, mostramos uma faca em cima de uma mesa. Momentos depois, é justamente aquela faca que servirá para a defesa do herói.

2 Espaço e enredo

Antes do mais, façamos a seguinte divisão. Podemos, de modo geral, perceber três graduações ficcionais na representação do espaço na obra literária. É claro que, em se tratando de literatura, todos os espaços representados na obra serão ficcionais por mais fiéis à realidade que sejam, no entanto, tomando a realidade por parâmetro, podemos dividir o espaço da obra literária em três:

2.1 Realista

O espaço construído na obra semelha-se à realidade cotidiana da vida real. Nesse caso, o narrador se vale freqüentemente das citações de lugares existentes. Ele cita prédios, ruas, praças, etc. que são co-referenciais ao leitor real. Na literatura brasileira, Machado de Assis poderia exemplificar essa tendência plenamente. Nomes de ruas e de bairros como Botafogo são lugares realmente existentes no Rio de Janeiro à época do autor. Tal estratégia narrativa confere ao enredo maior verossimilhança.

2.2 Imaginativo

O espaço será classificado de **imaginativo** quando os lugares citados na obra literária não existirem no mundo real. São lugares inventados, imaginados pelo narrador, no entanto, são lugares semelhantes aos que vemos em nosso mundo.

2.3 Fantasista

Temos ainda a possibilidade de encontrarmos espaços que não possuem nenhuma semelhança com a realidade e que não seguem nenhuma regra do mundo natural que nós conhecemos. Esses mundos têm suas próprias regras. A esse tipo de espaço chamamos de **fantasista**. Esse tipo de espaço é comum, às vezes predominante, nas obras classificadas como fantásticas, no conto maravilhoso e na ficção científica.

2.4 Enredo

O enredo, geralmente, se compõe de quatro etapas. Dizemos geralmente, pois a narrativa moderna vem fazendo várias experiências no sentido de uma nova estruturação do enredo. Independente disso, no entanto, o certo é que algumas dessas partes insistem em aparecer. Cabe ao topoanalista perceber a praticidade de identificá-las, vinculando-as aos espaços em que acontecem. Ao encadeamento dos espaços que formam a narrativa, chamamos de **percurso espacial**. Dentro desse percurso, revelam-se as quatro etapas do enredo.

Uma primeira parte do enredo é chamada de exposição ou apresentação. É a parte introdutória da narrativa. É nela que se apresentam as personagens, os fatos iniciais. Também é nessa parte que se apresenta o primeiro espaço da narrativa. É o espaço inicial. Deve-se identificá-lo, perceber suas características e estar atento no seu papel no desenrolar da narrativa. É sempre interessante contrastar esse espaço inicial da narrativa com o espaço final, verificando os efeitos de sentido que essa relação provoca.

Após a exposição, temos a complicação. Esse momento ocorre quando algo interfere e quebra aquela situação inicial, impulsionando a história. Cabe-nos, então perguntar, em que espaço ocorre essa quebra da situação inicial e qual o efeito de sentido que ele provoca dentro da narrativa. Será o

espaço inicial o mesmo da complicações? São diferentes? Por quê? Já que se pode ter mais de uma complicações dentro de uma narrativa também se pode ter mais de um espaço vinculado a ela. Cumpre analisá-los e verificar suas inter-relações.

O desenvolvimento da narrativa atinge um ponto em que não há mais possibilidade de continuidade, é o ponto de maior tensão da narrativa. Esse ponto, geralmente, é chamado de clímax. É o ponto mais próximo do desfecho. Nesse momento também deve-se perguntar a respeito da espacialidade que está ali organizada. De que maneira o narrador organizou aquele espaço e quais os sentidos que se podem depreender dele. Por que o narrador escolheu determinado espaço para situar personagens e ação e não outro?

Após o clímax, segue-se naturalmente o desfecho, a conclusão do texto. Resta analisar qual é o espaço em que isso ocorre. É o mesmo espaço em que ocorre uma das outras partes do enredo? Existe essa coincidência ou não? Quais os efeitos de sentido daí decorrentes? O espaço inicial, por exemplo, é o mesmo do espaço final? Houve alguma metamorfose nesse espaço entre o início e o fim da narrativa?

Enfim, a relação entre as partes do enredo e o percurso espacial favorece inúmeras reflexões que possibilitam a interpretação profunda do texto literário.

3 Topografia literária

Acreditamos que a primeira tarefa de uma topoanálise é o levantamento dos espaços do texto, uma espécie de topografia literária. Assim sendo, é interessante termos, desde já, um critério de divisão para essa topografia.

3.1 A segmentação do texto

Como estamos analisando um texto do ponto de vista do espaço, a segmentação que nos interessa é, obviamente, a espacial. Isto é, devemos verificar se no texto há grandes e/ou pequenas movimentações vinculadas ao espaço. Em outras palavras, cumpre verificar se o texto pode ser dividido em macro e microespaços.

3.2 Macroespaços

Às vezes, o texto pode ser dividido em dois grandes espaços, tais como: o campo e a cidade como acontece no romance de Eça de Queiroz **A cidade e as serras**.

Há outras maneiras ainda, por exemplo, será que no texto analisado encontramos oposição entre regiões? norte-sul, leste-oeste? Existem ainda a possibilidade de oposição entre continentes como, por exemplo, Europa-América. A esses espaços maiores, polarizados em regiões ou países, podemos chamar de macroespaços.

Esta seria uma primeira segmentação do texto. Após essa primeira etapa, passar-se-ia a uma outra.

Saliente-se o óbvio: nem todo texto possui macroespaços.

3.3 Microespaços

Detectada a presença do macroespaço, cumpre verificar os microespaços que o compõem. Se não houver macroespaço, passa-se diretamente à verificação dos microespaços.

Nesse caso, toma-se por base a característica específica dos dois tipos essenciais do espaço, a saber: o cenário e a natureza. E ligado a esses dois tipos de espaço, temos o ambiente, a paisagem e o território.

3.4 Cenário

No âmbito da topoanálise, entendemos por cenário os espaços criados pelo homem. Geralmente, são os espaços onde o ser humano vive. Através de sua cultura, o homem modifica o espaço e o constrói a sua imagem e semelhança. Ao topoanalista cumpre fazer o levantamento, o inventário mesmo desses espaços bem como os temas e valores presentes nele. Sendo assim, é imprescindível atentarmos para espaços tais como: a casa e seus cômodos, a rua, os meios de transporte, escola, a biblioteca, o labirinto, os cafés, o cinema, o metrô, a igreja, a cabana, o carro, o prédio, o corredor, as escadas, o barco, a catedral, etc. O número é infinito, cumpre ao topoanalista estar atento e fazer uma leitura cuidadosa e minuciosa da obra literária.

3.5 Natureza

Por natureza, entendem-se os espaços não construídos pelo homem. Espaços tais como: o rio, o mar, o deserto, a floresta, a árvore, o lago, o córrego, a montanha, a colina, o vale, a praia, etc. Esses espaços devem ser inventariados e estudados dentro de seus múltiplos efeitos de sentido na obra literária.

Após essa topografia literária formada de cenários e naturezas, o topoanalista deve observar se esses espaços recebem figurativizações a ponto de os transformar em ambiente, paisagem ou território.

3.6 Ambiente

Na perspectiva da topoanálise, o ambiente se define como a soma de cenário ou natureza mais a impregnação de um clima psicológico. Esquematicamente, teríamos:

- 1º) Cenário + clima psicológico = ambiente;
- 2º) Natureza + clima psicológico = ambiente.

Tomemos como exemplo a seguinte seqüência de figuras: noite, chuva forte, vento forte, trovões, relâmpagos. Se essas figuras estiverem simplesmente apresentando o clima meteorológico teríamos aí um espaço ao qual podemos denominar de natureza. Entretanto, se a essas figuras, o narrador justapõe uma personagem que tramou um crime e que se encontra em vias de praticá-lo, temos aí uma sinergia entre ação e natureza. Um reforça o sentido do outro. Ou seja, à ação negativa, vil da personagem corresponde uma natureza tempestuosa, que evoca e favorece ações macabras. De acordo com o imaginário humano esse clima meteorológico está impregnado de negatividade, de augúrios. Assim, em vez de natureza, temos aí um ambiente.

3.7 Paisagem

O conceito de paisagem é um tema clássico dos estudos geográficos. Como outros conceitos no âmbito dos estudos espaciais, este é visto de diversas formas, por diferentes especialistas (geógrafos, historiadores, arquitetos, pintores). Entretanto, muitos deles conservam um traço comum na definição de paisagem que é a questão do olhar. Portanto, uma primeira definição de paisagem é aquela que diz ser ela uma extensão de espaço que se coloca ao olhar.

Em princípio, temos duas categorias de paisagens: **a natural**: que sofreu pouca ou nenhuma influência do homem; **a cultural**: que sofreu muita influência do homem.

Assim, como o ambiente, o conceito de paisagem está ligado à idéia do olhar, portanto à idéia de subjetivização.

Uma hipótese, que ainda precisa ser verificada, é a de que o ambiente está mais ligado ao olhar do narrador enquanto que a paisagem pode ligar-se tanto ao olhar do narrador quanto à de personagem.

O conceito de paisagem parece-nos interessante e operacional para a topoanálise.

Os espaços básicos de um texto são natureza e cenário, mas as implicações subjetivas desses espaços transformam-nos em ambiente, paisagem ou território, algumas vezes.

O cenário ou a natureza serão classificados como paisagem quando tiverem três características: extensão; vivência; fruição.

A idéia de paisagem estará ligada ao olhar do narrador ou da personagem. Quando se apresentar uma grande extensão de espaço aí teremos a presença da paisagem. Como se sabe, nenhum olhar é neutro, daí que a vivência da personagem e ou narrador determinará o conceito que esta terá do espaço que vê. Tal conceito circulará entre dois pólos: o de beleza ou o de feiúra.

3.8 Território

No conceito de território temos a possibilidade de análise das relações de poder na obra literária. O cenário ou a natureza transformar-se-ão em território quando houver uma disputa por sua ocupação e/ou posse.

O conceito de território é extremamente útil para a análise literária e, sem dúvida, imprescindível em uma topoanálise. Portanto, cabe ao estudioso perguntar que tipo de cenário e/ou natureza forma um território, isto é, que espaço está em relação de dominação-apropriação com as personagens. E, em consequência, de que forma o poder é ali exercido.

Encerrando, esse item, afirme-se o seguinte. Na medida em que se selecionam os microespaços, isto é, os cenários e as naturezas também se devem perceber duas coisas. Primeiro, será que esses microespaços são englobados por macroespaços? Segundo, esses cenários e natureza transformam-se, em algum momento da narrativa, em ambiente, paisagem ou território?

Em resumo, num primeiro momento, cumpre observar os macro e os microespaços. Após essa percepção, passamos à análise de cada um desses espaços.

Para tanto, apontamos em seguida vários itens que deverão ser levados em consideração na análise dos trechos selecionados.

Conclusão

Este texto teve a intenção de apresentar a metodologia de análise do espaço no texto literário a que vimos chamando de **topoanálise** ou **topanálise**. Para tanto, escolhemos os itens iniciais dessa metodologia: as funções do espaço, a relação entre espaço e enredo, os conceitos de cenário, natureza, paisagem, ambiente e território.

Para maior aprofundamento das questões aqui tratadas e para o conhecimento dos outros itens dessa metodologia, remetemos o leitor a nosso livro: **Espaço e literatura: introdução à topoanálise**.

Referências Bibliográficas

- [1] BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- [2] BORGES FILHO, Ozíris. *Espaço e literatura: introdução à topoanálise*. Franca: Ribeirão gráfica e editora, 2007.
- [3] BERTRAND, Denis. *L'espace et le sens. Essai de sémiotique discursive*. Amsterdam: Hadier Benjamins, 1985.
- [4] LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.
- [5] LOTMAN, Iuri. *A estrutura do texto artístico*. Lisboa: Estampa, 1978.

[6] TOMACHEVSKI, Boris et all. *Teoria da literatura - formalistas russos*. Porto Alegre: Globo, 1978.

¹ Ozíris BORGES, Prof. Dr.

Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)
oziris@oziris.pro.br